



NO REGRESSO ÀS AULAS

EDITORIAL

– Mãe, quantos dias faltam?

Muitos de nós já ouvimos esta pergunta, alguns dias antes do início das aulas. Enquanto preparamos os novos livros e os cadernos, aqueles olhos brilhantes fixam-se em nós num misto de curiosidade e ansiedade. É o regresso às aulas!

Esta é uma das alturas do ano em que pais e crianças se unem numa mesma mistura de sentimentos e emoções para enfrentar o desconhecido e começar o caminho que se pretende que seja de sucesso. Para tal cada um de nós procura preparar o melhor que sabe e que pode, antecipando perguntas e pequenos ralhos.

Se pararmos estes dias à porta de qualquer escola, o cenário é inevitavelmente o mesmo: mochilas às costas, risos nervosos e agitação aguardam a entrada na sala de aula. Abraços e beijos de despedida, uma última recomendação e lá vão eles, os nossos filhos, começar uma nova etapa. E como é importante esse último beijo, para eles e... para nós.

O acompanhamento é talvez a palavra chave deste início do ano escolar. Sabemos que os pais não podem nem devem substituir-se aos professores, mas devem trabalhar juntos neste mesmo projecto comum que é a educação dos filhos. Há que criar um espaço para conversar sobre os acontecimentos que ocorreram na escola, as alegrias e as dificuldades, criar uma ponte que garanta a continuidade entre a escola e a família.

Neste início de aulas, sabemos que as crianças não estão ainda habituadas ao ritmo de trabalho que a escola impõe. Depois das férias, a atenção e a concentração estão talvez mais dispersos, mas com o apoio dos pais e a intervenção dos professores rapidamente se vai voltar ao bom caminho. As crianças nestes dias vão precisar mais do que nunca de se deitar cedo, fazer uma boa refeição matinal, ao mesmo tempo que necessitam que se brinque com elas e possam assim expressar a sua criatividade.



Começar por valorizar a escola e a aprendizagem é um ponto de partida para o sucesso escolar. Se a criança aplicar a situações comuns as aquisições que fez na escola, é um estímulo para que queira continuar a aprender. Cabe aos pais mostrarem interesse pelas aprendizagens e cabe à escola criar espaços de partilha com os pais, flexibilizando os horários de atendimento.

Sabemos que os pais estão muitas vezes sozinhos nesta sua tarefa de educar. Gostaríamos de acrescentar que podem sempre contar com o Instituto de Apoio à Criança e muito particularmente com o SOS-Criança. Dentro das nossas competências e dos nossos saberes, poderão sempre contar connosco, para esclarecer dúvidas e partilhar ansiedades. Poderemos não saber tudo, mas o que soubermos é vosso.

MARIA JOÃO PENA (SOS-CRIANÇA)

UM VERÃO DIFERENTE

O projecto Anima, da Junta de Freguesia da Ajuda, tem um historial curioso, começou com a nossa própria história. O projecto foi desenvolvido durante as férias de Verão de 2000 e teve o objectivo de ocupar os tempos livres de jovens com mais de 15 anos.

A magnífica encenadora Ana de Noronha fez com os jovens da Ajuda um levantamento histórico sobre a vida do rei D. Luís, que viveu no nosso lindo e degradado Palácio da Ajuda. Porém, como era de esperar e porque estas coisas têm de ser levadas a sério, os técni-

cos da Junta, sempre muito organizados na sua tradição ortodoxa, arranjaram fatos da época e um coche, cedido pela GNR.

Para espanto das "gentes" da Ajuda, pensaram na altura que era o próprio rei de Espanha que subia a calçada, o trânsito cortado e bobos de corte fazendo acrobacias, não deixava dúvida que era coisa de profissionais, até lá estava a nossa querida e falida RTP.

Valeu a pena este começo, com o objectivo de prevenção primária e os denominados estilos de vida saudáveis, demos continuidade ao que alguém disse: "Se dermos liberdade, espaço e tempo... elas, as crianças, têm a capacidade de nos surpreender".

Se não, repare-se na interrogação de um jovem de etnia cigana, com os olhos tão abertos quanto a beleza que saía dos embaixadores do Palácio, que exclamou: "Afinal, sempre houve ao longo da história ricos e pobres, agora percebo melhor os homens...".

Nós também percebemos melhor os nossos jovens e ainda percebemos melhor a questão: quando se compreende perde-se a necessidade de punir. Deve ser este o papel do educador? Deve ser este o trabalho: interagir não para a comunidade, mas com a comunidade.

A partir daqui têm sido muitas as histórias nas quais o nosso grupo alvo de adolescentes e jovens passou a ter um papel importante durante as férias de Verão.

Sabemos que durante este período muitas crianças estão em contexto de desocupação e sem qualquer orientação educativa, não têm um modelo humano que as vincule a uma conduta de cidadania e cultura. Sabemos como técnicos que a desocupação oferece riscos inerentes às nossas crianças e jovens,

por isso o vínculo a uma possível substância tóxica é maior. Enfim, é vê-los a subir pobres e podres a nossa calçada, uns conseguem, outros não.

A Junta, em conjunto com importantes parceiros, nomeadamente a Câmara Municipal de Lisboa (CML), a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores (LPDM), o IAC, preocupam-se e não estão indiferentes à prevenção da toxicodpendência, sendo este o âmbito que subentende parte da ocupação dos tempos livres das nossas crianças e adolescentes da área da freguesia.

O projecto Anima, durante o ano de 2001, foi exemplo disso. Concorremos de novo ao programa do Instituto Português da Juventude/Ocupação de Tempos Livres de curta duração, onde o facto de a bolsa monetária, que nunca chega a horas, não é suficiente para desmotivar os nossos jovens, que, após uma formação teórica diferente da escola – um deles chegou a exclamar: "Se a escola fosse assim teria outro interesse" –, são postos no terreno como monitores ajudantes, ajudantes de outros monitores com experiência e formação, num contágio que permite trabalhar as suas competências pessoais e sociais. Sim, porque estas não se atribuem, são inerentes ao indivíduo e devem ser arrancadas de dentro para fora.

Todos são capazes e nós acreditamos nisso, penso que os nossos parceiros também. O que está provado pelos bons resultados (uma média de 36 crianças por dia durante três semanas consecutivas) do projecto Anima 2002, em parceria com o Brinca Agosto da CML (pelouro da Educação) e com o apoio da LPDM, do IAC, da Escola nº 7, da Associação de Protecção à Infância da Ajuda, provando que o



**BOLETIM DO IAC Nº65
JULHO/SETEMBRO 2002**

director

Matilde Rosa Araújo

editores

Clara Castilho

Gisélia Felício

conselho editorial

Coordenadores de Serviços IAC

colaboradores

Ana Isabel Carichas

Joana Amaral

Maria João Pena

Maria Teresa de Oliveira Marçal

Palmira Carvalho

Pedro Marques

Roque Martins

edição

Instituto de Apoio à Criança

Largo da Memória, 14

1349-45 Lisboa

Tel.213624755-Fax213624756

Endereço Internet

<http://www.iacrianca.pt>

concepção gráfica e produção

Joana Imaginário

fotolitos e impressão

Eligrafe

depósito legal

Nº 74 186/94

tiragem

3000 ex.

trabalho em rede é possível. Uns deram materiais, outros cederam transportes, outros dinheiro para ir buscar bons técnicos; outros ainda técnicos interessados, sempre prontos a ajudar.

Porém, factos que atingem o ridículo devem igualmente ser referidos: alguns destes técnicos trabalham em escolas da área e quando chega o Verão ficam sem ordenado e passam a fazer parte dos “trabalhadores descartáveis”.

Mas mesmo com incongruências, foi possível trabalhar em rede e, como verdadeiros operários que trabalham os conceitos e os afectos, levámos as nossas crianças a descobrir o prazer de brincar e aos nossos jovens a consciência de que são úteis, com um papel interventivo, como resposta a um capitalismo que se devora a si próprio.

Algumas destas crianças foram por isso, pela primeira vez, a uma piscina, algumas saíram do seu bairro, outras puderam ainda ter treinos de basquetebol com os seus ídolos do Benfica. Mais: puderam ter uma refeição, porque alguém se lembrou delas!

PEDRO MARQUES

Animador cultural da Junta de Freguesia da Ajuda



Trabalho de equipa das crianças da Ludoteca da Junta de Freguesia da Ajuda

O GIRO MAIS UMA EXPERIÊNCIA

No âmbito do trabalho que as equipas do Recuperar têm vindo a desenvolver com crianças/jovens de rua, uma das principais metodologias utilizadas é o GIRO.

Os giros são realizados no período tanto diurno como nocturno, cobrindo as várias zonas de intervenção delimitadas para as diferentes equipas. Actualmente, as equipas contam com a Unidade Móvel como ponto de apoio à realização dos giros e, obviamente, como pólo atractivo de captação do grupo alvo.

Já em alguns momentos tive o privilégio de acompanhar a equipa no giro nocturno.

No último destes momentos destaquei a passagem e paragem no

Parque Eduardo VII, onde contactámos com dois jovens que ainda não eram conhecidos. Aquele foi o primeiro contacto! (É sempre gratificante poder observar a capacidade de relacionamento humano e doação que a equipa tem.)

Mantivemo-nos parados por algum tempo e os jovens estiveram na Unidade Móvel.

“As conversas são como as cerejas”, diz o ditado popular. É bem verdade! E, apesar de estarmos pela primeira vez na presença daqueles jovens, isso não foi para eles, nem para nós, impedimento de mantermos um bom bocado de conversa. Partilhámos algumas intimidades vividas e sofridas pelos dois jovens: soubemos ouvir, escutar, não criticar, simplesmente aceitar,

apoiar e orientar para novas possibilidades, para outros caminhos... (Não posso também deixar de manifestar algum sentimento de impotência...)

Muito já temos feito. Mas muito há ainda para fazer... A única certeza que podemos ter é a de que temos que fazer bem aquilo que nos propusemos!

Este é o grande desafio que se nos coloca a cada dia que passa...

ANA ISABEL CARICHAS
(Coordenadora da Área do Recuperar do Projecto Rua)

O ENVOLVIMENTO DOS PAIS NOS CUIDADOS À CRIANÇA HOSPITALIZADA: UM DESAFIO PARA OS PROFISSIONAIS

MARIA TERESA DE OLIVEIRA MARÇAL
L-2, São João, Centro Hospitalar de Matosinhos, 4430-000

Os pais devem ser encorajados a ficar junto do seu filho, devendo ser-lhes facultadas facilidades materiais sem que isso implique qualquer encargo financeiro ou perda de salário.

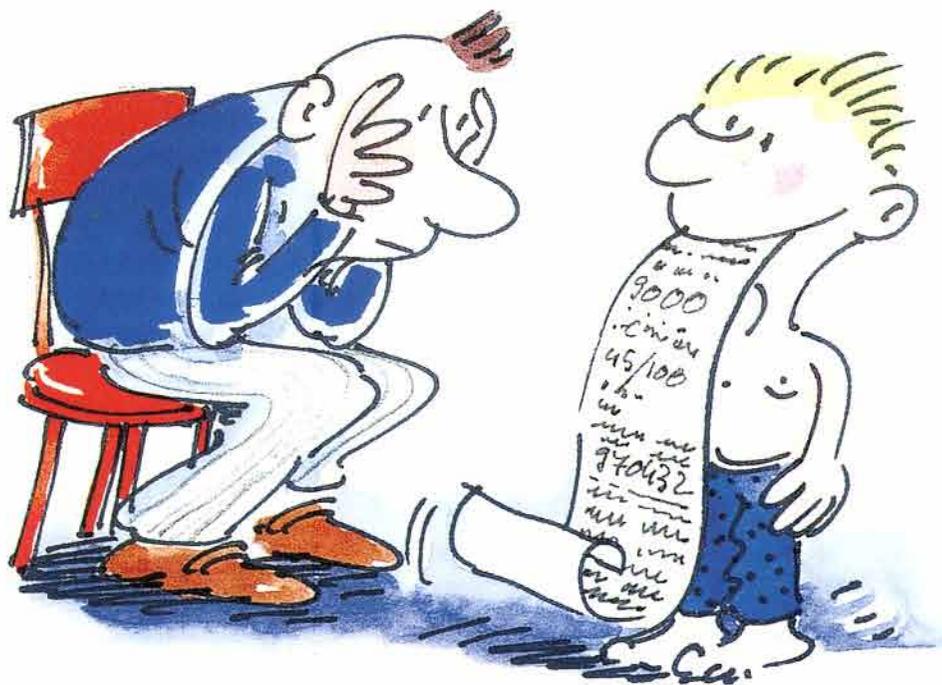
Os pais devem ser informados sobre as regras e as rotinas próprias do serviço para que participem activamente nos cuidados ao seu filho.

Carta da Criança Hospitalizada, 1988

Os direitos só existem plenamente quando ultrapassam a expressão de uma mera intenção e se tornam marca evidente dos comportamentos humanos. É este o desafio que se coloca ainda hoje a todos aqueles que trabalham com crianças e pais a viverem uma situação de doença e hospitalização.

É já consensual que a hospitalização é, tanto para a criança como para os pais, uma experiência assustadora e dolorosa vivida com intensos e múltiplos sentimentos, dos quais destaco os de medo e de perda. Estes dois sentimentos potencializam-se entre si, há experiências de perda de autonomia, independência, modos de vida, estas perdas são vividas de um modo intenso o que agrava o medo do desconhecido que uma hospitalização sempre implica.

O consenso atrás referido esteve na base das profundas alterações de regimes de internamento da criança e da presença dos pais nos serviços de pediatria. Contudo, se há consenso sobre a presença dos pais nos serviços o mesmo não pode ainda dizer-se da compreensão que os profissionais



têm sobre o papel dos pais durante o internamento do seu filho.

É do senso comum a afirmação de que não é fácil ser-se pai mas ela toma um especial sentido quando nos referimos aos pais de crianças hospitalizadas. Num território que não conhecem, não controlam e até receiam, perante um incessante número de pessoas com quem têm de contactar, mas sobretudo perante um filho assustado, fragilizado e em sofrimento é decerto muito difícil continuarem a sentir-se competentes como pais, a sentirem-se capazes de ajudar o seu filho, capazes de viver e de o ajudar a viver a situação.

Há nestes pais não só uma experiência de perda de poder, como ainda o sentirem-se confrontados com o poder daqueles que prestam cuidados profissionais ao seu filho.

É forçoso reflectir sobre este poder e sobre os modos mais ou menos subtis como o utilizamos.

Esqueçermos de que aquela que para nós é mais uma situação de internamento é para os pais e criança algo verdadeiramente único, novo e desconhecido, impor-mos as nossas rotinas há muito não revistas, as nossas lógicas de organização de trabalho (tantas vezes ilógicas), os nossos silêncios, as nossas meias palavras, o nosso jargão profissional, é sem dúvida instituir ao outro uma nova ordem, é torná-lo mais frágil na situação.

Estamos perante o desafio de desenvolver processos de trabalho em que a família seja de algum modo o foco dos nossos cuidados, falamos do actual e complexo conceito de "cuidados centrados na família", abordagem que implica que todos aqueles que trabalham em pediatria se preocupem com as forças e fragilidades que afectam as famílias desde que elas comprometam a capacidade de cuidado à criança. Terão de ser processos de trabalho assentes em interacções

CUIDADOS AO SEU FILHO NAIS DE SAÚDE

marcadas pelo respeito, abertura, autenticidade e confiança, processos desenvolvidos numa parceria exigente mas altamente compensatória para aqueles que os vivem.

Trata-se de um processo de negociação sempre em aberto, construído ao ritmo das possibilidades e constrangimentos vividos pelos pais, processo só possível pelo reconhecimento de que os pais são os peritos relativamente ao seu filho. Só eles são capazes de ensinar a equipa sobre o comportamento e necessidades da criança aspectos sem os quais é impossível prestar cuidados de qualidade em pediatria.

Entre um pólo de passividade e um de grande e autónoma participação nos cuidados aos filhos há um quase infinito espaço de acção que urge tornar num espaço de realização e de promoção da competência dos pais. Este espaço exige

transformações no papel dos profissionais, nomeadamente no dos enfermeiros. De peritos em fazer por alguém e ao seu modo terão de passar a ser peritos em processos de interacção verdadeiramente educativos e facilitadores do desenvolvimento daqueles a quem prestam cuidados.

Aos enfermeiros passa a pedir-se que identifiquem e ajudem os pais a identificarem as necessidades da criança e as suas próprias. Esta identificação não pode ser feita de um modo meramente intuitivo, centrado na perspectiva dos enfermeiros, tem de ser algo validado pelos pais, fortemente assente na compreensão que eles vão tendo da experiência que estão a viver. É aquela identificação que sustenta todo um processo de planeamento de cuidados numa parceria, numa partilha que dá um sentido acrescido aos

papéis dos pais e dos profissionais de saúde.

O envolvimento dos pais tem de ser entendido como um processo que os encoraje, mas que não pode em momento algum forçar-os a prestar cuidados para os quais não se sintam preparados ou que não desejem realizar. Existe uma tênue linha entre o encorajar e o forçar que não pode ser quebrada. Dissonâncias que surjam têm de ser clarificadas, negociadas num clima de respeito e autenticidade, sem lugar para julgamentos de valores que por vezes tão apressadamente se fazem dos pais.

Ajudar alguém a ser pai é uma missão difícil mas privilegiada, é algo que transcende o aqui e agora dessa acção, que deixa uma marca de realização nos pais e em nós profissionais de saúde. Sejamos competentes neste domínio. Vamos dar vida a este direito.

ENCONTRO EM FLORENÇA

O Sector de Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança esteve presente na 1ª parte da primeira Université Européenne d'Eté - Musique en Milieu de la Santé e du Handicap", em Estrasburgo, de 30 de Junho a 3 de Julho, a convite do Centre de Formation de Musiciens Intervenants (CFMI) da Universidade Marc Bloch.

As fundações Meyer e Livia Belini de Florença, o Hospital Pediátrico Anna Meyer e o Ateneu Musical Fiorentino estão também

envolvidos neste projecto, desenvolvendo-o em Florença.

Estiveram presentes profissionais de saúde dos hospitais de Estrasburgo, de Nice; Toulouse, Paris (H.Trousseau), Pediátrico Anna Meyer, e ainda de outros hospitais de França, Grécia e Portugal.

A nossa participação teve como objectivo o conhecimento do projecto e estudar o interesse e as possibilidades de vir a desenvolver em Portugal uma parceria com o CFMI. O sector de Humanização seria o elemento favorecedor e enquadra-

dor destas experiências, podendo reunir serviços de saúde e escolas de música.

A reunião em Florença, sendo a segunda parte da formação, pretende completar os trabalhos iniciados em Julho em Estrasburgo, agora com uma vivência diferente, que é a experiência do ATNEU Musical de Florença. Em representação do Sector participou a sua coordenadora, Ana Jorge.

Vai realizar-se em S. Paulo, de 4 a 8 de Novembro, a XV Conferência Internacional do IPA (International Association for the Children's Right to Play), subordinada ao tema "Cultura e Jogo no Espaço Urbano", antecedida por uma pré-conferência com início no Rio de Janeiro, a 27 de Outubro.

A participação nesta conferência garante a continuidade da representação do IAC no IPA e permite que se passe o testemunho do trabalho que se desenvolve nestes sectores.

Neste evento participarão as coordenadoras dos sectores actividade lúdica e humanização, Natália Pais e Leonor Santos, que divulgarão e explicarão o trabalho que o IAC tem desempenhado no âmbito da actividade lúdica e da defesa do direito de brincar, nomeadamente nos domínios da saúde e da educação.

PARTICIPAÇÕES EM ACCÇÕES SOLICITADAS

Várias entidades do concelho de

Mação organizaram uma "Semana Intergeracional", que decorreu de 23 a 27 de Setembro. Esta iniciativa envolveu várias gerações para as problemáticas intergeracionais, através de um conjunto de actividades de lazer e debates técnicos.

A técnica Maria João Cosme participou com uma intervenção no dia 24 de Setembro no seminário "O jogo e o desenvolvimento da criança".

NOVAS PORTAS PARA UM NOVO MUNDO

Era segunda-feira, quase 11 horas, e os meninos já estavam na sala de aula aos encontros para saberem se era o seu dia de participar nas actividades, ou se, afinal, teriam de esperar por quarta-feira... Devido à dimensão e problemática da turma, tinha sido necessário dividi-la em dois grupos de intervenção, com sessões de uma hora. Durante essa hora pretendia-se que os meninos partissem à descoberta de si próprios e dos outros, aprendessem a ouvir a música no ar, os sons quando estão em silêncio, a dar nomes às sensações, a dar cor às palavras.

Várias actividades foram desenvolvidas ao longo desses meses, com a apresentação uns dos outros (para descobrirem que afinal não conhecem bem os seus colegas); a representação de temáticas, por parte de alguns, para que os outros descubram do que se trata; a verbalização sobre as sensações vividas a partir dos sons apresentados em situação de acalmia; a vivência de novas experiências só com alguns dos sentidos (por exemplo, de olhos tapados).

O que acontecia era que, durante esta hora, estes meninos sorriam e transmitiam o que lhes ia

na alma. Acontecia que a dança, a mímica, a música, as palavras e as artes plásticas lhes abriam portas para um novo mundo de onde não queriam sair... É que são crianças que têm uma necessidade de afecto e de relacionamento em grande escala.

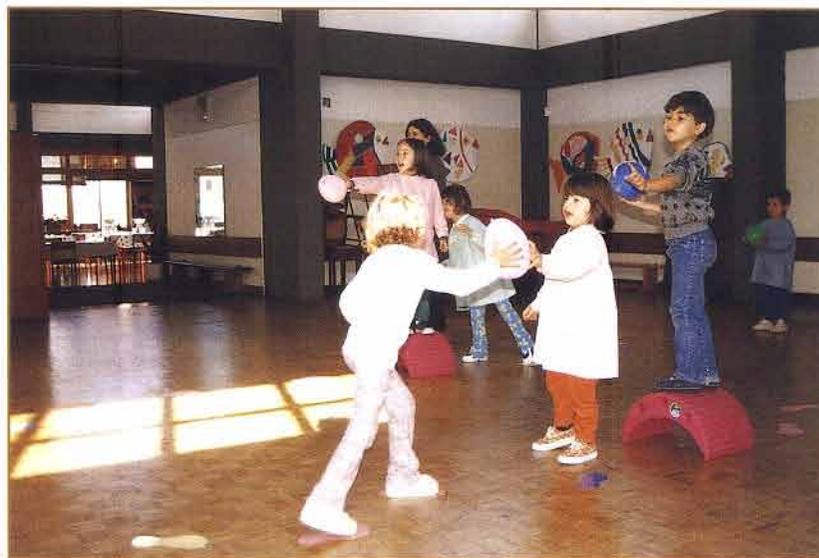
Quanto maiores eram as dificuldades inerentes à hiperactividade, às carências económicas e à ausência de regras, maior era o desafio proposto, quer a elas próprias, quer a mim.

O que foi sempre compensador foi verificar que o objectivo de cada sessão tinha sido cumprido, e

que a ligação com estes meninos tinha crescido a grande velocidade, uma vez que no início eram meninos fechados e que se questionavam sobre a minha súbita aparição e no final questionavam o porquê de as sessões não serem diárias e "exigiam" a minha presença no recreio... Era um bom prenúncio, como uma árvore que cresceu, deu os seus frutos e que eu quero continuar a enraizar...

JOANA AMARAL

(Licenciada em Psicologia, Voluntária na Escola do 1º CEB nº 19, na Ajuda, no ano lectivo de 2001/2002)



Crianças da Ajuda - Accções de Ligação à Comunidade.

O VERÃO NO PROJECTO RUA

Findo o Verão, quando um ar de Outono marca já os dias, é tempo de fazer o balanço de como foi vivido no Projecto Rua.

Isto é, dos momentos que proporcionámos às crianças e jovens acompanhadas/os pelo Projecto (e, até, de outras instituições, como aconteceu com o acampamento de Alcácer do Sal), num ritmo de férias, apesar da temperatura instável.

Das simples idas à praia, num dia só (como o fizeram os 6 Dreads do Bairro do Condado, numa visita à praia do Tamariz) ou em jeito de colónia aberta, como o fez a equipa do Bairro Olival do Pancas que levou 22 crianças à Praia Grande, Vimeiro, Sesimbra, Oeiras, Lagoa de Albufeira e Santa Cruz, até ao acampamento em Alcácer do Sal, organizado pela equipa transversal integrando jovens, animadores e técnicos – onde participaram 40 jovens.

Entre estes momentos contam-se igualmente as visitas culturais (ao Palácio Nacional de Queluz, ao Castelo de S. Jorge, ao Pavilhão da Realidade Virtual, do Conhecimento) e... outros acampamentos. Destes destacamos o que precedeu e preparou o espaço de férias de Alcácer – na Costa da Caparica –, ao qual foram 18 jovens, e os organizados pelo Bairro Olival do Pan-



cas, em Évora e na Costa da Caparica.

De salientar também a actividade conjunta entre o Projecto Rua e o Moinho da Juventude, no final de Agosto.

Já no mês de Setembro, a equipa A realizou um acampamento em Porto Covo, com a participação de 6 jovens, cujo objectivo era a motivação para a escola. Nele houve episódios menos felizes, naturalmente esperados pelas características dos jovens e que foram um teste à força (interior) dos animadores.

Também em Setembro, com o mesmo cenário, outras histórias, mas os mesmos objectivos, 4 jovens

do Bairro Olival do Pancas foram também acampar, acompanhados pelos animadores.

Adeus ao sol do Algarve foi o que fizeram 18 crianças/jovens do Bairro do Condado, com 3 elementos da equipa, numa visita ao Zoo Marine em que houve uma sessão de interacção com os golfinhos.

Entre mar e areia, cordas e mosquetões, tendas e mosquitos, edifícios históricos, campeonatos de playstation, futebol, passeios de galeão ou BTT, actos de rebeldia ou cooperação, alegria e lágrimas, assim se passou o Verão no Projecto Rua.

PALMIRA CARVALHO

MEDIAÇÃO ESCOLAR

RESULTADOS À VISTA

Depois de dois longos anos de trabalho com as escolas do primeiro ciclo, nos Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família, (GAAF) promovidos pela Mediação Escolar, esta abordagem tem-se mostrado eficaz pelos resultados positivos obtidos, no combate ao absentismo, abandono e violência na escola.

Em colaboração com professores e famílias a fim de dar continuidade a este tipo de intervenção, o Instituto de Apoio à Criança e a Câmara Municipal de Lisboa/Ação Social, assinaram no passado mês de Setembro um protocolo de cooperação com o intuito de dar continuidade ao trabalho desenvolvido. A Mediação Escolar é a prova con-

creta de que os comportamentos disruptivos se combatem pela via da integração das pessoas nas comunidades de pertença e pela humanização dos espaços.

ROQUE MARTINS
SOS CRIANÇA

ACÇÃO DE SOLIDARIEDADE COM O IAC

CULTURA E GENEROSIDADE

Decorreu de 5 a 15 de Setembro uma acção de solidariedade com o IAC, por iniciativa da FNAC e do Centro Colombo, com o título "Cultura e generosidade".

Os representantes da FNAC Portugal, Olivier des Francs; da FNAC Colombo, Manuel Rodrigues, e do Centro Colombo, António Bettencourt, estiveram presentes na sessão de abertura (dia 5) e na sessão de encerramento (dia 15). O ministro da Cultura, Pedro Roseta, o chefe de gabinete do secretário de Estado da Cultura, Pedro Ramos, acompanharam Coelho Antunes, da direcção do IAC, na sessão de abertura. Manuela Eanes e Isabel Figueira, em representação da assessora do gabinete do secretário de Estado da Educação, estiveram presentes na sessão de encerramento.

No decorrer dos 10 dias, os clientes do Colombo assistiram a 5 concertos, animação infantil e cinco sessões de reflexão, sobre temas



com implicação na vida das crianças.

No dia 11 foi apresentado o trabalho do Instituto, tendo estado presentes Manuela Eanes, Matilde Sirgado e Manuel Coutinho.

Os clientes da FNAC puderam dar corpo à sua solidariedade através da oferta de obras compradas nesta loja. A FNAC ofereceu ao IAC dois computadores e uma percentagem das receitas das compras efectuadas neste evento.

Os representantes da FNAC manifestaram o seu propósito de continuarem a estudar futuras formas de colaboração com o IAC. Apraz-nos constatar que, mais uma vez, o Centro Colombo aderiu a iniciativas que beneficiam o Instituto. Manuela Eanes realçou a importância desta colaboração por parte da sociedade civil, colaboração imprescindível para que as instituições particulares de solidariedade social possam levar a cabo os seus objectivos sociais.

IAC EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

De 11 a 26 de Setembro, decorreu uma visita a Angola e Moçambique promovida pela Rede Europeia de Crianças de Rua no Mundo (ENSCW), no âmbito do Projecto Satélite, iniciativa financiada pela Comissão Europeia e pelo Governo holandês, com o objectivo de reforçar competências dos trabalhadores sociais, fortalecer redes e criar projectos educativos para crianças de rua.

A visita, organizada com a colaboração do IAC-Projecto Rua, nomeadamente através de Matilde Sirgado, da direcção da Rede, teve como objectivo específico o (re)conhecimento do que tem sido feito por diversas instituições que trabalham com crianças/jovens de rua, nos dois países.

EUROTTROTTERS

De 6 a 11 de Julho teve lugar uma visita à Polónia, no âmbito do Projecto Eurotrotters, (projecto promovido pela ESAN – Rede Europeia de Acção Social, cujo objectivo é promover o intercâmbio entre jovens desfavorecidos), com vista à preparação do próximo encontro de jovens, a ter lugar naquele país.

Os participantes, por parte do IAC-Projecto Rua, foram um jovem do Bairro do Condado, Chelas, que foi acompanhado por um técnico da equipa do Bairro Olival do Pancas, Pontinha.

Recheada de peripécias, esta visita saldou-se por boas recordações, muitas histórias para contar e a vontade de recebermos em Portugal os amigos do Eurotrotters, pelo menos tão bem como o fizeram os polacos.

SOS-CRIANÇA

Maria João Pena, no dia 2 de Agosto concedeu uma entrevista à revista Família Cristã, tendo, no dia 3 de Setembro, Manuel Coutinho sido entrevistado para a revista X. O tema das entrevistas versou as actividades do SOS-Criança.

MANUELA EANES NO ROTARY

No dia 18 de Setembro, a convite do Rotary Club, Manuela Eanes proferiu, no Hotel Meridiano, uma palestra sobre o tema "Novas Gerações – Educação, Família – Que Futuro".